

CÂMARA CASCUDO E O “CARNAVAL! CARNAVAL!”: BREVE ANÁLISE DA CRÔNICA CASCUDIANA E DE PERSPECTIVAS ATUAIS DO CARNAVAL NATALENSE¹

Thaís Santos Nóbrega (UFRN/UC)*

RESUMO

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) é considerado um dos maiores estudiosos da cultura popular do país. A referência básica para o presente trabalho é a crônica cascudiana “Carnaval! Carnaval!”, publicada em 1929, no jornal potiguar *A República*. Em um texto breve, o “Mestre Cascudo” elucida a origem do carnaval, enfatiza a importante herança do entrudo português, percorre ruas, salões, adentra bailes e chega ao microcosmo do carnaval em Natal, Rio Grande do Norte. Busca-se, além do exposto no texto cascudiano, abordar elementos que marcam a tentativa de retomar a força do carnaval de rua na capital potiguar, através de iniciativas como o bloco “Os Cão”, criado em 1965, o desfile das escolas de samba da cidade ou iniciativas mais recentes, como a agremiação carnavalesca “Manicacas no Frevo”, de 2006. O trabalho visa, portanto, uma expansão da pesquisa do folclorista potiguar, abarcando as perspectivas atuais do carnaval na capital do Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, Carnaval, Cultura popular, Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) is considered one of the greatest studios of popular culture. The basic reference for the present work is his chronicle “Carnaval! Carnaval!”, published in 1929 in the *potiguar* newspaper *A República*. In a short text, “Master Cascudo” elucidates the origins of Carnival, emphasizes the important inheritance of the Portuguese *entrudo*, go through streets, saloons, enter balls and reaches the microcosms of of the carnival in Natal, Rio Grande do Norte. The aim to this work is, besides what is exposed in Cascudo’s chronicle, show elements that mark the attempt to recover the force of the street carnival in the *potiguar* capital, through initiatives as the bloc “Os Cão”, created in 1965, the samba schools parade, or more recent initiatives as the carnival bloc “Manicacas do Frevo”, from 2006. Therefore, the work drives to go beyond the folklorist’s research by including actual perspectives of the carnival in the capital of Rio Grande do Norte.

Keywords: Câmara Cascudo, Carnival, Popular culture, Rio Grande do Norte.

¹ Trabalho apresentado na *Semana Cultural Brasileira “Viagens do Carnaval”* - Universidade de Coimbra, Portugal, Março/2012, e como atividade de bolsista de Iniciação Científica (PROPESQ-REUNI/UFRN) relativo ao Plano de Trabalho “A produção bibliográfica de Câmara Cascudo no acervo da Universidade de Coimbra” (período de 01/01/2011 a 31/12/2011), vinculado ao projeto “A produção bibliográfica de Câmara Cascudo publicada em periódicos portugueses: disponibilização no Portal da Memória Literária Potiguar” (coordenado pelo Prof. Dr. Humberto Hermenegildo de Araújo).

* Graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e da Universidade de Coimbra (UC) através do Programa de Licenciaturas Internacionais.

O Povo guarda e defende sua Ciência Tradicional,
secular patrimônio onde há elementos de todas as
idades e paragens do Mundo.
Câmara Cascudo. *Tradição, ciência do povo.*
Pesquisas na cultura popular do Brasil.

– Já consultou o Cascudo? O Cascudo é quem sabe.
Me traga aqui o Cascudo
Carlos Drummond de Andrade. *Imagem de Cascudo.*
Revista Província, 1968.

1. Mestre Cascudo

Os estudos do norte-rio-grandense Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) percorrem um considerável leque de temas e ideias. Considerado um dos maiores estudiosos da cultura popular do país, tendo alcançado reconhecimento internacional, tem entre seus livros mais famosos o *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que teve a primeira edição em 1954², e a *História da Alimentação no Brasil*, publicado em 1967. A referência básica para o presente trabalho é, no entanto, a crônica cascudiana “Carnaval! Carnaval!”, publicada em 1929, no jornal natalense *A República*³.

O reconhecimento da importância da obra cascudiana vem de longa data e dos mais diversos países. Teve reconhecimento em vida por parte de estudiosos da área e de grandes nomes da literatura brasileira, seja através da correspondência, como a que manteve com Manuel Bandeira e, mais constantemente, os vinte anos de correspondência com Mário de Andrade (cf. CASCUDO, 2010) ou através de depoimentos, como fizeram Jorge Amado, Raquel de Queiroz e Carlos Drummond de Andrade. Verifica-se claramente a relevância da obra cascudiana no trecho do texto de Maria Clementina Pires de Lima, publicado na *Revista de Etnografia do Porto*, Portugal:

Em todo o Mundo este nome é respeitado e considerado, sobre a sua vasta e notabilíssima obra tem-se pronunciado os mais conceituados tratadistas e todos eles são unânimes em louvar o insigne investigador que tanto tem prestigiado a Ciência e que tão devotadamente, lhe tem dedicado os melhores anos da sua vida. É impossível escrever-se sobre qualquer aspecto do Folclore sem se citarem os livros de Luís da Câmara Cascudo. (LIMA, 1966, p.237).

² A ideia para escrever esse dicionário surgiu ainda em 1941, como afirma no seu prefácio.

³ Inserido no livro *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20* (CASCUDO, 2005b).

Para além da realização de um vasto trabalho de documentação ao longo de décadas, a singularidade da produção intelectual de Câmara Cascudo reside em assumir um ponto de vista de quem escreve “a partir da” cultura popular e não somente “sobre a” cultura. A leitura da obra de Câmara Cascudo encanta pelo trabalho atento e pormenorizado e surpreende pela forma de expô-las, pois converte o leitor quase em um ouvinte, um ouvinte atento de um Mestre que desvenda importantes acontecimentos de nossa história identitária.

2. Câmara Cascudo e o “Carnaval! Carnaval!”

Numa dupla exclamação, numa espécie de chamado, lê-se o título da crônica cascudiana, publicada em 10 de fevereiro de 1929 (portanto, em pleno carnaval), no jornal natalense *A República*⁴. Trata-se do “Carnaval! Carnaval!”. Num texto breve, o Mestre Cascudo elucida a origem da festa carnavalesca, enfatiza a importante herança do entrudo português, percorre ruas, salões, adentra bailes e chega ao microcosmo do carnaval em Natal, Rio Grande do Norte.

A viagem inicia deixando clara a concepção de carnaval que utiliza, como é possível verificarmos no trecho:

(...) Heranças de Saturnaes e festas gregas da Bôa-Deusa, Lupercaes e Bacchanaes illustres, festas egypcias de Isis e do Boi Apis, apanha dos visgos entre os Celtas, festas das marcas nos hebreus, todas as loucuras, todas as liberdades, em todos os povos, em todas as epocas crearam o Carnaval. (CASCUDO, 2005b, p. 122).

Verifica-se uma concepção que acredita que a origem do carnaval está nas festas de inversão da vida cotidiana e que enxerga nesta festa uma “licença tácita para tudo”(p. 122). Como explica Felipe Ferreira (2005) em seu livro *O livro de Ouro do Carnaval*, existem vários modos de compreender a folia carnavalesca e uma delas é, exatamente, o pensamento de que existe uma linha evolutiva do carnaval.

Outra importante concepção é a de que só existe Carnaval após o estabelecimento, por parte da Igreja, de data fixa para a Quaresma. Portanto, só a partir do século XI. Nessa

⁴ Araújo (2006b), enfatiza o elo entre a tradição popular e a poesia modernista e conta-nos que além do poema do poeta natalense Jorge Fernandes, “Papa-Angú” (tratado com pormenor em seu texto), foram também publicados juntamente com a crônica “Carnaval! Carnaval!” no jornal *A República*: “Sonho de uma noite de carnaval”, de Nunes Pereira; “As rosas do milagre no domingo de carnaval de Mme. Lilás”, de Palmyra Wanderley; “Falando a Pierrôt”, de Damasceno Bezerra; “Um grão de loucura”, de Oscar Wanderley; “A máscara que não se interrompeu”, de Edgar Barbosa; além de um trecho do poema “Carnaval carioca”, de Mário de Andrade.

concepção, dá-se ênfase a um determinado período do ano, e não a um determinado tipo de festa. Porém, sendo o período da quaresma um tempo de penitências, nos dias que a antecediam o povo festejava, cometendo todo tipo de excesso, para compensar os dias que estavam por vir. Comumente, pensa-se que é o povo que domina a situação, sendo o período marcado pela inversão de poder; no entanto, como explica Ferreira (2005, p.68):

As festas que aconteciam no período carnavalesco tinham um caráter eminentemente popular por uma razão simples: era o povo que devia obedecer rigorosamente às limitações da Quaresma. A elite, como sempre, tinha seus meios de burlar as imposições da Igreja, seja impondo seu poder sobre a autoridade religiosa, seja comprando o direito de cometer certos excessos durante os dias de penitência.

Segundo Bakhtin (2008), os festejos carnavalescos são uma das formas dos ritos e espetáculos que compõem as múltiplas manifestações da cultura popular. De toda forma, o que Cascudo faz em seu texto é mostrar que a festa foi, pouco a pouco, deixando de ser tão descontrolada, perdendo o caráter popular, até chegar à festa burguesa do século XIX. Diz ele que a fidalguia aderiu e dá exemplos: “Carlos VI, rei de França, morre assassinado num baile carnavalesco, dançando vestido de urso”(p.123). Depois, descreve as figuras marcantes surgidas na Renascença (Polichinellos, Arlequins, Pierrete e Piorrot, Patalon, Fracasse), discorre sobre músicas, o salão de Versailles e nos envolve nessa atmosfera de bailes para, ironicamente, finalizar o parágrafo na exclamação “Caranaval!”, aludindo ao espaço de riqueza que circundava a festa carnavalesca à época.

No parágrafo seguinte, diz-nos: “Nós não tivemos Carnaval”(p.123). E, apesar de nos causar certa estranheza tal afirmação, visto ser o carnaval um dos maiores estereótipos do Brasil, ao retomarmos Ferreira (2005), este explica que o pensamento de uma linha evolutiva do carnaval pode acabar levando à conclusão de que a folia carnavalesca já não existiria há muito tempo e o que vem ocorrendo é “uma longa decadência marcada pela interferência cada vez maior das classes dominantes sobre a ‘verdadeira’ festa do povo” (p.67). Cascudo continua sua crônica afirmando que “Tivemos o entrudo, o brutal, o doido, o inesquecível Entrudo” (p.123).

É em explicar a importância do entrudo que o autor discorre por mais tempo em sua crônica. Explica a origem portuguesa e a força que teve no Brasil colônia. Força tal que levou o povo a desobedecer às ordens do vice-rei, Vasco Fernandes César de Menezes, que, entre outras medidas, mandou fechar tabernas na Bahia e instituiu multas de até duzentos mil reis, pronto a atacar de frente a festa. O povo, no entanto, seguia gritando versos nas ruas, pintados

de lama, bêbados, a molhar toda a gente e instituir brincadeiras de diversos gêneros. Câmara Cascudo refere-se, em um dos verbetes do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), a uma das personagens do carnaval, o “Papangu”, ou seja, “os mascarados que enchiam [nos dias de folia do carnaval] as ruas das cidades embrulhados em lençóis, cobertos de dominós ou disfarçados de todas as maneiras”, cuja origem está nas extintas procissões das cinzas, pois esta figura caminhava à frente da procissão fustigando com um comprido relho o pessoal que impedia a sua marcha. Ainda segundo Cascudo, a partir de 1831, a Câmara Municipal do Recife proibiu o aparecimento dessa personagem nas procissões da Quaresma. Trata-se, portanto, de uma figura tradicional da cultura, a qual é apropriada de forma a caracterizar um traço peculiar da brasilidade, qual seja, a dimensão nacional das festas populares, religiosas e folclóricas, cuja garantia de continuidade se dá pela transmissão oral dos seus elementos permanentes e móveis.

No Rio de Janeiro, os sermões das igrejas da Candelária e do outeiro da Glória não adiantavam, o Rio ficou dominado pelo Entrudo. Diz Cascudo que não se usava disfarces, pois o objetivo principal da festa do Entrudo era cobrir o outro de farinha de trigo, de polvilho, de pó de sapato, de vermelhão. Formas um pouco menos agressivas surgiram depois: as laranjas de cera e os limões-de-cheiro. Eram esferas de cera, normalmente do tamanho de um punho fechado, que continham líquidos perfumados (ou simplesmente água) para serem lançadas nos foliões.

Câmara Cascudo mostra em seu texto que o Entrudo foi nossa grande festa e que tomou conta de todas as principais cidades brasileiras. Inclusive, no verbete do *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954) que contempla o “Carnaval”, Cascudo inicia por enfatizar que “foi, até meados do séc. XIX, o entrudo brutal e alegre que Debret pintou e de que todos os velhos recordam. Pelo norte, centro e sul do Brasil o movimento era igual.” (p.185).

Foi, como dito anteriormente, com o século XIX que o Entrudo começou a perder espaço. A corte tomou parte e, assim, buscava-se substituir os excessos do Entrudo, considerados como exemplo de incivilidade e indignos de um país independente. Preferiu-se a modernidade francesa. É nessa época, portanto, que começam os grandes bailes carnavalescos. Cascudo afirma que na rua ainda havia muito polvilho e farinha de trigo, nas praças ainda há côcos, tarantelas e cateretês, mas nas salas da corte só há espaço para o solo inglês e a mazurca (dança de origem polaca).

Chegando ao microcosmo do carnaval em Natal, Cascudo relembra papangus, maracatus, vassorinhas, além de iniciativas menos expressivas. No entanto, como sucedeu em outras cidades brasileiras, os bailes de máscaras, em Natal instituído pela criação do “Natal

Club”, fizeram com que o carnaval de rua desaparecesse. Na narrativa do texto cascudiano, quase se consegue sentir o lamento da frase “O Entrudo perdera terreno. O carnaval chegara” (p.126), principalmente, frente à desilusão sentida pelo folião ao saber que o que resta é “brincar pouco e espiar a beleza das roupas vistosas, as sedarias e velludos, joias estranhas e toucados imponentes”(p.127).

3. Perspectivas atuais do carnaval natalense⁵

Busca-se, além do exposto nos textos cascudianos, abordar elementos que marcam a tentativa de retomar a força do carnaval de rua na capital potiguar, através de iniciativas como o bloco *Os Cão*, criado em 1965, o desfile das escolas de samba da cidade ou iniciativas mais recentes, como a agremiação carnavalesca *Manicacas no Frevo*, de 2006.

Apesar de Câmara Cascudo criticar fortemente o carnaval do Rio de Janeiro afirmando ser este “Carnaval de alegorias políticas outrora e hoje banaes. Fogo de vista. Rodar de carro à Nice e lentidão de gandola à Veneza” (p.128), a clara vertente elitista do desfile das escolas de samba não está presente nas escolas do Rio Grande do Norte. Surgida em 1930, portanto, pouco tempo depois das escolas do Rio de Janeiro e um ano após a crônica em questão, a primeira Escola de Samba que se tem conhecimento em Natal é a *Batuque do Morro*. Em 1958, surge no bairro das Rocas a *Balanço do Morro*, considerada a mais antiga escola de samba em Natal, por permanecer em atividade. Em meio às dificuldades financeiras e ao desprestígio por parte dos governantes e da elite da cidade, as Escolas de Samba de Natal resistem bravamente. Atualmente, o carnaval potiguar conta com dez agremiações divididas em dois grupos, o Grupo de Acesso e o Grupo Especial.

Além das escolas de samba, desfilam pela Avenida Duque de Caxias, os Blocos de Índios. Afirma-se que o surgimento dos Blocos de Índios antecede o das Escolas de Samba, mas as informações são imprecisas. Sabe-se, porém, que estes são considerados Patrimônio do Carnaval Natalense desde 1960 e que o primeiro bloco a surgir foi *Os Potiguares*⁶.

⁵ Faz-se importante ressaltar que as perspectivas atuais do Carnaval tratadas neste artigo dizem respeito apenas às iniciativas que ocorrem em Natal. O Carnaval nas cidades do interior do Rio Grande do Norte tem mais notoriedade, a exemplo das cidades de Caicó, Macau, Guamaré e Touros.

⁶ Potiguar em tupi significa “comedor de camarão” e designa uma grande nação tupi que habitava a região litorânea do que hoje são os estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. Designa também quem nasce no estado do Rio Grande do Norte (assim como norte-rio-grandense ou rio-grandense-do-norte).

Atualmente, dividem a atenção da população nove blocos de índios, distribuídos em dois grupos tal como as Escolas de Samba.

Desde 1964, do outro lado da cidade, à margem do Rio Potengi, surge, toda terça-feira de carnaval, um bloco que já nasceu na irreverência. José Gabriel (Zé Lambreta) e Francisco Ribamar de Brito (Dodô), moradores do bairro da Redinha, cobriram-se de lama no mangue e fizeram desta uma fantasia de carnaval. A democrática fantasia contagiou amigos e, em pouco tempo, organizaram um pequeno passeio pelas ruas da Praia da Redinha. Por onde passavam ouviam os gritos de “olha os cão!” e, dessa exclamação, nasceu o bloco carnavalesco de Natal mais divulgado em mídia nacional. Permaneceu da década de 1960 até o início da década de 1990 como um bloco formado majoritariamente por nativos da Redinha, porém, neste ano de 2012 estiveram presentes no bloco cerca de 10 mil pessoas. O número de admiradores e entusiastas do bloco vem crescendo a cada ano. O ritual permanece o mesmo: envolvem-se em lama, ainda na primeira maré, percorrem as ruas da praia e finalizam com o banho de mar. Assim como ocorreu com o Entrudo, considerado incivilizado, organizadores do bloco tentam fazer da brincadeira do mela-mela algo menos agressivo, onde só são atingidos por lama quem está disposto a participar da folia. Nem sempre funciona...

Com a mesma descontração, surge o bloco carnavalesco *Manicacas no Frevo*. Em 2006, numa iniciativa – e sobretudo numa bem-humorada brincadeira – entre os produtores culturais locais Júlio Cesar Pimenta e Dorian Lima e o artista plástico Fábio Eduardo surge a ideia de homenagear a figura do “Manicaca”, conhecido em Natal como um homem manobrado pela mulher. O bloco conta com hino, prévia carnavalesca, eleição do Manicaca do Ano e entrega de troféu. Neste sétimo ano de existência, a agremiação tomou as ruas na sexta-feira, tendo sido a responsável pela abertura do carnaval do Centro Histórico de Natal.

Segundo Ferreira (2005), a concepção mais difundida do que é o carnaval na atualidade aponta para “uma mistura de festejos da elite e eventos populares”. Tal perspectiva coaduna com o que ocorre em Natal, onde iniciativas populares mesclam-se com ações de artistas e intelectuais, numa tentativa de resgatar a tradição carnavalesca da cidade⁷. Porém, como ressaltava Cascudo “o governo do Estado e do Município não vindo em ajuda a esta gente (...) todas as festas tradicionaes morrerão. Morrerão como uma lagôa vai se seccando. Com lentidão e sem parar de seccar”. (CASCUDO, 2005a).

Entre a publicação da crônica cascudiana, em 1929, e a realidade atual, verifica-se uma grande mudança. No entanto, percebe-se o desejo popular de manutenção de uma

⁷ Foram selecionadas e apresentadas algumas iniciativas, de diferentes décadas, mas estas não englobam todas as manifestações carnavalescas da cidade de Natal.

tradição, sobretudo como resistência a imperativos que dificultam a permanência das tradições populares na cultura. O texto de Câmara Cascudo chama a atenção sobre as raízes culturais das tradições carnavalescas e adverte sobre a possibilidade do seu desaparecimento no mundo moderno que se anunciava nas primeiras décadas do século XX. No início de mais um novo século, verifica-se que certas manifestações permanecem e outras novas se apresentam, numa reafirmação de valores populares e seculares. Apresentados apenas como fatos históricos nesta breve reflexão, essas manifestações carecem de problematizações, de estudos que a caracterizem verificando, por exemplo, o seu poder de transformação e de questionamento da ordem vigente.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, Carlos Drummond. Imagem de Cascudo. *Revista Província*. Natal: Fundação José Augusto, 1968.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Leituras sobre Câmara Cascudo*. João Pessoa: Idéia, 2006a.

_____. Um mundo feliz: a poesia nas brenhas. In: CODOVILA, Alfredo; SANTOS, Derivaldo dos; CAVALCANTI, Iddney (Orgs.). *Fábulas de iminências : ensaios sobre literatura e utopia*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, UFPE, 2006b. p. 291-302.

ARRAIS, Raimundo. “Estudo Introdutório”. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Natal: EDUFRN, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

CASCUDO, Luís da Câmara. Proteção da alegria popular. In: _____. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Org. Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005a. p. 130-134.

_____. Carnaval! Carnaval! In: _____. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Org. Raimundo Arrais. Natal: EDUFRN, 2005b. p. 122-129.

_____. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Pesquisa documental, iconográfica, estabelecimento de texto e notas (organizador) Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.

_____. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1954.

_____. *Tradição, ciência do povo. Pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971, p. 29.

FERREIRA, Felipe. *O livro de ouro do carnaval brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

LIMA, Maria Clementina F. Pires de. *O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte homenageou Luís da Câmara Cascudo. Revista de Etnografia*. Museu de Etnografia e História, Porto, v. 7, n. 13, p. 237-238, jul. 1966.

RODRIGO, Bruno. Bloco Os Cão da Redinha. Disponível em: <<http://oscaodaredinha.blogspot.pt/>>. Acesso em 20 de fev. 2012.

VILAR, Sérgio. O dia em que os manicacas caem na folia. *Diário de Natal*, Natal, 03 fev. 2012.